

FILOSOFIA COMO TERAPIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSAIO SOBRE AS DOENÇAS MENTAIS E ANTROPOLOGIA DE UM PONTO DE VISTA PRAGMÁTICO

Victor Sávio de Oliveira Tavares¹³⁶

Resumo: Em suas considerações sobre os distúrbios mentais presentes nas obras *Ensaio sobre as doenças mentais* (1764) e *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (1798), Kant propõe que a filosofia seja considerada em seu caráter terapêutico no tratamento dessas enfermidades, visto que a mesma se incube de classificar e analisar as nossas operações mentais, portanto, em lugar privilegiado no que concerne os transtornos da mente. O *Ensaio* e a *Antropologia* introduzem concepções próprias de como a filosofia pode ser encarada como alternativa para se lidar com as enfermidades da mente: enquanto no *Ensaio* sobressai uma visão somatista, em que a medicina toma a dianteira no tratamento dessas doenças, já que Kant, em consonância com a medicina da época, considera a sua origem no sistema digestivo, a filosofia é encarada como apaziguadora dos efeitos mais nocivos que essas enfermidades poderiam ter, atuando como auxiliadora da medicina no combate aos distúrbios mentais; já na *Antropologia*, ressalta-se uma aproximação racionalista, a filosofia é a principal alternativa no combate às doenças mentais, capaz de expurgar as tendências degenerativas da mente em seu início, pois, a filosofia promove a exposição e o debate dos raciocínios humanos, retirando-os de seu *senso privado*, muito mais propenso à doença, e colocando-os em um *senso comum*, no qual é proporcionado um encontro entre as diversas possibilidades de ideias, possibilitando, assim, um redirecionamento de pensamentos, impedindo que evoluam para um estágio de doença.

Palavras-chave: doenças mentais; terapia; antropologia; Kant; filosofia.

Abstract: In their considerations about mental illness present in the works *An essay on the maladies of the mind* (1764) and *Anthropology from a pragmatic point of view* (1798), Kant proposes philosophy to be considerate in its therapeutic character in the treatment of those diseases, since philosophy has the task to classify and analyse our mental operations, therefore, in a privileged place on what concerns mental disorders. The *Essay* and the *Anthropology*

¹³⁶ Aluno do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Bolsista PIBIC/CNPq, ORIENTADOR: Prof. Dr. Edmilson Menezes (DFL/UFS), E-mail: juioh99@hotmail.com

introduce their own conceptions of how philosophy can be seen as an alternative to deal with mental illnesses: while in the *Essay* stands out a somatist point of view, in which medicine takes the forefront in the treatment of these disturbances, given that Kant, in consonance with the medicine of the time, considers its origin in the digestive system, philosophy is seen as an appeaser of the more damaging effects that these sicknesses can have, acting as an helper of medicine in its combat with mental disorders; but, in the *Anthropology*, stands out an racionalist approach, philosophy is the major alternative in the treatment of the mental illnesses, capable of purging the degenerative tendencies of the mind in its inception, because, philosophy promotes debate and exposition of arguments, pulling them out of the *private sense*, much more prone to disease, and putting it in a *common sense*, which proporcionaes an encounter with a diverse possibility of ideas, and in return, redirecting it and preventing its evolution into a stage of illness.

Keywords: mental illness; therapy; anthropology; Kant; philosophy.

Introdução

Em seu *Ensaio sobre as doenças mentais*, Kant tem como objetivo uma análise antropológica dos problemas que estavam presentes nos quadros reflexivos da sociedade europeia do século XVIII, dando primazia ao olhar do observador, que se expressa em uma linguagem mais agradável e acessível em comparação com o filósofo e seus textos sistemáticos. O que, à primeira vista, parece se distanciar de suas obras posteriores, como a *Crítica da razão pura* (1781) e a *Metafísica dos Costumes* (1797), ao passo de uma leitura mais detalhada, pode revelar que muitos dos temas tratados mais tarde por Kant encontram nos escritos pré-críticos sua ancoragem inicial. A problemática do *Ensaio* se concentra em como a vida em sociedade contribui para o aparecimento das doenças mentais, e quais seriam as posições que a medicina e a filosofia precisam tomar para abrandar os efeitos que os distúrbios da mente têm nos indivíduos e no convívio social, com a medicina sendo o principal meio de combate contra essas doenças. Em contrapartida, vemos na *Antropologia de um ponto de vista pragmático* um papel maior da filosofia no combate às enfermidades mentais, tendo como função a classificação e apaziguamento das mesmas.

Sociedade e os distúrbios da mente

Em outro texto de 1764, *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, Kant assinala algumas peculiaridades sobre a vida em sociedade. Nas *Observações*, Kant tem como hipótese que o sentimento estético serve para abrandar as tendências mais nocivas dos indivíduos e moldar seus comportamentos em vista de tornar possível uma vida em coletividade. Condutas que antes tornariam impossível qualquer relação minimamente positiva entre indivíduos, se tornam imprescindíveis para o progresso social, graças ao sentimento de gosto refinado.

[...] mesmo o egoísta moral (na terminologia dos temperamentos, o colérico) será bem-vindo, visto praticar boas ações a fim de obter estima alheia, única meta (certamente, amoral) de seu comportamento. Assistimos, assim, a uma curiosa inversão: a figura do ambicioso, que, no *Leviatã* de Hobbes, transformava o estado de natureza na guerra de todos contra todos, reaparece nas *Observações* como o guardião da ordem social, visto depender dela para ser reconhecido pelos outros. Assim, a dialética destrutiva da natureza humana, que, no modelo hobbesiano, termina por exigir o Estado para pôr termo à guerra de todos contra todos, é substituída nas *Observações* pela ideia de que as práticas que se manifestam na comunidade são capazes de um ajuste interno, que converte as virtualidades negativas do indivíduo em benesses coletivas. (FIGUEIREDO, 1993, p. 14).

A estrutura social transforma os ambiciosos e egoístas em cidadãos exemplares, respeitadores das regras e das leis, pois é na exploração de suas nuances que é possibilitado alcançar seus objetivos, ao mesmo tempo que gozam dos direitos e liberdades proporcionados pelo estado. Indo em contramão à Rousseau, Kant não vê o convívio social como via para degradação das qualidades humanas, pelo contrário: se torna oportunidade de reformar aqueles indivíduos com tendências mais danosas. A sociedade é o palco em que os desvios comportamentais ganham nuance e engenho por parte dos seus membros. Seus objetivos pessoais, seus proveitos próprios, mesmo inadvertidamente, impelem a comunidade a um progresso constante.

Vemos um olhar diverso em relação à sociedade no *Ensaio*: ela se torna terreno propício para as doenças mentais. A dissimulação, que nas *Observações* é considerada como via para o progresso social, é vista, no *Ensaio*, como porta de entrada para toda sorte de desvios mentais que acometem os indivíduos, tendo o seu desenvolvimento possibilitado pela vida em sociedade. Pois é somente no convívio social que um refinamento do gosto é de suma importância para o funcionamento pacífico das relações entre os homens, tornando o mundo coletivo uma via possível para os desvios da mente quando as dissimulações de um indivíduo ou de outros de seu convívio se confundem com a realidade.

Com efeito, em sociedade, pouco importa se minha ação é digna em si mesma, visto não ser a intenção, e sim o resultado, o que se candidata ao mérito concedido pelos outros. [...] O desenvolvimento das ciências e das artes, desse ponto de vista, apenas aprofunda a desigualdade entre os homens, mal disfarçada por um simulacro público de virtude, que cabe ao escritor comprometido com a liberdade denunciar. (FIGUEIREDO, 1993, p. 15).

A sociedade, que se não é considerada como causa, é, pelo menos, avaliada como facilitadora dos transtornos da mente, está em contraposição com ao estado de natureza. Para o homem inserido na natureza há pouca utilidade no comportamento engenhoso e refinado, ele não depende diretamente de outros homens para sua subsistência, encontrando o que precisa em seu ambiente. Ou seja, o indivíduo no estado natural raramente é acometido por doenças mentais. E quando ocorre tal transtorno não se desenvolve a ponto de se tornar um desatinado ou vaidoso, geralmente sofrendo de alguma deficiência cognitiva. Para Kant, as doenças mentais não surgem somente por causa do convívio social; uma perturbação física acompanha aquele afetado por algum distúrbio da mente, que é de onde se origina a enfermidade, mas que só ganha os contornos de um desvio quando inserida no contexto da vida em sociedade.

Como já assinalado, Kant fundamenta a sua análise sobre as doenças mentais partindo do seguinte pressuposto: o estado de natureza não garante o material necessário para que ocorram tais doenças. Sendo assim, os distúrbios da mente só ocorrem e são tipificados na vida em sociedade. O homem só vai ter necessidade de um agir opulento e astucioso, que é a via potencial das doenças mentais, quando estiver inserido na civilização.

A simplicidade e parcimônia da natureza exigem do homem e formam nele apenas conceitos comuns e uma rude probidade; o constrangimento artificial e a opulência do estado civil produzem indivíduos engenhosos e sutis, mas, ocasionalmente também estultos e impostores, forjando uma aparência sabia ou uma aparência moral que permite prescindir do entendimento e da integridade, conquanto que seja espessa a urdidura do belo véu com que o decoro cobre a fraqueza secreta da mente e do coração. (KANT, 1993, p. 81).

Ou seja, o homem em estado natural não terá motivo para se portar de maneira sofisticada, e nem de produzir raciocínios abstratos e complexos. Pois, no estado de natureza, só terá preocupação com suas necessidades básicas de sobrevivência, e, longe da convivência organizada entre outros homens, não terá incentivo para proceder segundo comportamentos que visam esconder suas intenções, ou agir em vista de riquezas e honrarias.

Essa divisão entre estado natural e vida em sociedade está em consonância com as inquietações filosóficas e antropológicas da época em que Kant encontrava-se, especificamente os escritos de Rousseau. Essa influência rousseauiana tem uma presença forte no *Ensaio*, principalmente no diagnóstico provido por Kant em relação à sociedade, em contraposição às

suas posições encontradas nas *Observações*, muito mais positivas em relação ao estado civil. Para ambos, o desenvolvimento civilizatório não indicava um progresso moral em conjunto, muito pelo contrário, era a via pela qual toda sorte de ilusões e hipocrisias encontravam morada nas mentes e corações dos homens.

Não mais amizades sinceras e estima real: não mais confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido de polidez, sob essa urbanidade tão exaltada que devemos as luzes de nosso século. Não mais se profanará com juramentos o nome do Senhor do universo, mas será ele insultado com blasfêmias, sem que nossos ouvidos suscetíveis se ofendam com isso. Não se enaltecerá o próprio mérito, mas se rebaixará o de outrem. De modo algum se ultrajará grosseiramente o inimigo, mas jeitosamente o caluniaremos. Extinguir-se-ão os ódios nacionais, mas com ele irá o amor à pátria. A ignorância desprezada será substituída por um pirronismo perigoso. Haverá excessos proscritos, vícios desonrados, mas outros serão honrados com o nome de virtudes: impor-se-á a tê-los ou afetar tê-los. Elogiará, quem desejar, a sobriedade dos sábios de hoje, quanto a mim, não vejo senão um rebuscamento da intemperança, tão indigno do meu elogio quanto à simplicidade de tais sábios. (ROUSSEAU, 1983, p. 336-337).

A vida em sociedade, com o requerido polimento para que a relação entre seus concidadãos seja possível, ao invés de incentivar uma superação dos aspectos mais pérfidos do homem, esconde, no melhor dos casos, os sentimentos e as paixões por via de seu engenho artificioso ou os coloca em primeiro plano, exacerbando o que o homem tem de pior.

À primeira vista, o diagnóstico revelado por Kant no *Ensaio*, no qual a civilização é vista como fonte das perversões mentais, parece apontar que a sociedade é somente um lugar de degradação para o espírito humano. O que certamente não é o caso, pois, para Kant, esses comportamentos incitados pelo convívio social, que correm o risco de degenerarem em distúrbios mentais, servem também para polir o comportamento do homem, como já fora sinalizado nas *Observações*, em vista de uma regulação de suas paixões, que, por sua vez, operam como elemento para a evolução da civilização. A sociedade analisada por Kant no *Ensaio* é uma etapa de desenvolvimento da humanidade, como observado, posteriormente, na *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita (1784)*:

O homem tem uma inclinação para entrar em sociedade, porque em semelhante estado se sente mais como homem, isto é, sente o desenvolvimento das suas disposições naturais. Mas tem também uma grande propensão *para se isolar*, porque depara ao mesmo tempo em si com a propriedade insocial de querer dispor de tudo a seu gosto e, por conseguinte, espera resistência de todos os lados, tal como sabe por si mesmo que, da sua parte, sente inclinação para exercer a resistência contra os outros. Ora, esta resistência é que desperta todas as forças do homem e o induz a vencer a inclinação para a preguiça e, movido pela ânsia das honras, do poder ou da posse, a obter uma posição entre os seus congêneres, que ele não pode *suportar*, mas dos quais também não pode *prescindir*. (KANT, 2008, p. 7-8, grifo do autor).

Kant entende como necessário para a transformação do homem em um ser moral a superação do estado natural, no qual predomina o instinto. Os artificios comportamentais que a civilização imputa ao homem são necessários para abrandar as suas piores tendências, mesmo que isso traga novos problemas, como o aparecimento das doenças mentais. É importante reforçar que a sociedade não é causa das doenças da mente, mas sim um fator decisivo em seu desenvolvimento. Já que, em sintonia com a medicina da época, Kant afirma que as doenças mentais têm sua origem no sistema digestivo, e somente quando estas se juntam com as paixões exacerbadas é que os distúrbios ocorrem. A sociedade é vista como facilitadora das enfermidades mentais, terreno propício para o seu desenvolvimento, mas não causa primeira, essa sim, encontrada nas disposições físicas do indivíduo.

Filosofia como terapia

De acordo com Panarra (2010, p. 204):

[...] a importância real dos temas de índole social ou inspirados por Rousseau é menor do que parece à primeira impressão, pois a despeito de Kant usar a expressão, homem degenerado, ele não faz uma apologia do estado de natureza opondo-o à vida em sociedade, nem sustenta que a origem da doença mental ou das doenças do coração reside na perversão social, e chega mesmo a considerar que o homem no estado selvagem está somente protegido de algumas patologias devido à total ausência de motivos para desenvolver o seu pensamento. É um tema que atravessa o texto de o Ensaio sem, contudo, ter uma importância decisiva na determinação do apuramento do fenômeno da loucura.

Sendo assim, uma solução que abarque ambas as faces do problema são requeridas, respeitando o lado médico e somatista, mas levando em conta o fator social na geração das doenças mentais. Após discorrermos sobre as doenças mentais, incluindo os fermentos para o seu desenvolvimento, uma pergunta surge: haveria um tratamento adequado para essas doenças? Se caso houvesse, em que consistiria esse tratamento? A origem das enfermidades da mente está localizada no corpo, portanto o seu tratamento seria em primeira instância fisiológico. Mas como o estado do corpo é somente uma das partes da consolidação do distúrbio mental, e com a sociedade atuando como fornecedora dos substratos para o seu desenvolvimento, pode-se pensar em um tratamento auxiliar que, apesar de não ser capaz de extirpar os males da mente, pudesse frear o seu desenvolvimento ou reverter um estado de doença ainda em seu crescimento; para tanto, Kant recorre à filosofia como um princípio terapêutico capaz de atuar nos distúrbios da mente.

Esses tristes males, se não são hereditários, permitem esperar uma recuperação bem-sucedida, que depende principalmente da assistência do médico. Mas, por uma questão de honra, não gostaria de excluir o filósofo, que poderia prescrever a dieta para a mente – sob a condição de que, aqui como em suas outras numerosas atividades não cobre honorários. (KANT, 1993, p. 94-95).

A filosofia, por se ocupar da razão e de seu funcionamento, e, do mesmo modo, das suas contradições e dos seus disparates, se torna candidata ideal para a empreitada de suavizar os avanços das doenças mentais. A filosofia tem um papel de auxílio indispensável no que diz respeito a certos casos de doenças mentais; em um primeiro momento, realizando um exercício de identificação das origens e dos fatores que levam à sua existência, e num segundo momento, tendo o papel de abrandar os efeitos dessas enfermidades.

Pois, visto que, de acordo com a observação de Swift, um mau poema nada mais é do que uma higiene mental, que permite ao poeta doente aliviar-se de muitos humores nocivos, por que deveria ser diferente com um miserável e quimérico tratado? Nesse caso, contudo, seria aconselhável indicar a natureza um outro meio de higiene, a fim de que o mal seja radical e silenciosamente extirpado, sem com isso inquietar a comunidade. (KANT, 1993, p. 95).

É verdade que as doenças mentais se originam no corpo, e ganham material para o seu desenvolvimento na vida em sociedade. Essa dupla abordagem implica, por um lado, uma posição empirista e somatista dos distúrbios mentais, pois, considera a relação do indivíduo com os fenômenos orgânicos como essencial para o desenvolvimento das doenças da mente.

No *Ensaio* Kant sustenta uma posição empirista, somatista e favorável à prevalência da medicina no que respeita à realização do diagnóstico e do tratamento da doença [...] sua posição é empirista porque concebe o desenvolvimento da patologia como estando dependente de uma inversão das representações perceptivas; somatista porque concebe o corpo como estando na origem das diversas enfermidades do ânimo, em particular, as partes digestivas, o que Kant apresenta como simples hipótese a carecer de comprovação, pois a etiologia não é o fito decisivo do texto. (PANARRA, 2010, p. 212).

Por outro lado, as perturbações do espírito levam em consideração um aspecto “sociológico” ligado à análise da vida em comum, na qual a obrigação de viver em grupo fornece novos impulsos e novos apelos às disposições originárias, cujo desdobramento se impõe pela vida social. Estamos diante do reino da legalidade, onde a lei constrange os homens; onde prevalece a prudência, ou seja, a arte de tirar proveito do coletivo. Existe uma *febre de honraria* e confusão de valores. Esta mania é a paixão e a fraqueza dos homens, permitindo uma influência sobre eles, a partir de suas opiniões enviesadas e de um falso brilho.

As perspectivas apresentadas por Kant permitem desenvolver como resolução do problema ações em duas frentes: a medicina combatendo as doenças mentais em sua raiz corpórea, e a filosofia como apaziguadora das tendências mais fantasiosas do homem, de forma

que tenhamos uma relativa reinserção social do perturbado mentalmente. É importante notar que, apesar de o *Ensaio* ser o único texto no qual Kant trata exclusivamente das doenças mentais, outras obras abordam os distúrbios da mente, e entre elas está a *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, na qual o assunto é tratado numa perspectiva mais voltada ao racionalismo, e a filosofia ganha prevalência em comparação à medicina, tendo a terapia filosófica apresentada por Kant no *Ensaio* um caráter introdutório e de certa forma associado aos aspectos somáticos, quer dizer, empíricos.

O *Ensaio*, portanto, apresenta, por via de uma dicotomia entre estado de natureza e vida em sociedade, o desenvolvimento das doenças mentais, tendo sua origem no corpo e seu desenvolvimento proporcionado pelo estado civil, que por meio de um mecanismo de inversão, possibilita o aparecimento das doenças mentais nos homens; podendo as mesmas manifestarem-se na formação de conceitos da experiência, juízos universais ou nas relações entre suas paixões, o que demanda um tratamento conjunto entre a medicina e a filosofia.

As doenças mentais na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*

Na *Antropologia*, a filosofia toma a dianteira ao lidar-se com as doenças mentais; tanto ao classificá-las como ao tratá-las. O exercício filosófico de classificação e de análise das estruturas da mente colocam o filósofo em um lugar privilegiado para lidar com essa problemática. Kant utiliza-se de um exemplo jurídico para constatar a vital importância da filosofia para esses problemas.

Assim, se alguém causou premeditadamente uma desgraça, e a questão é se e que culpa recai sobre ele por isso e, portanto, primeiro é preciso decidir se ele no momento estava louco ou não, a justiça (devida à incompetência do tribunal) não pode remetê-lo à faculdade de medicina, mas tem que remetê-lo à de filosofia. Pois a questão sobre se o acusado, ao cometer o crime, estava de posse de sua faculdade natural de entender e julgar, é inteiramente psicológica; e ainda que por vezes uma disfunção corporal do órgão dos sentidos possa ser talvez a causa de uma transgressão inatural da lei do dever (inerente a todo homem), ainda assim os médicos e fisiólogos estão em geral ainda longe de compreender a fundo a essência da máquina humana para poder explicar, a partir dela, o ataque que levou a semelhante atrocidade ou prevê-la com antecedência [...]. (KANT, 2019, p. 104).

Somente a filosofia nos fornece as ferramentas para entendermos como se dá o funcionamento de uma razão desordenada. Se a medicina trata a origem física da doença mental, só a filosofia discorre sobre os intrincados caminhos pelo qual ela se desenvolve. A medicina

fisiológica, portanto, necessita da guia proporcionada pela filosofia para se tratar as doenças da mente quando essas vão além de sua origem física.

A filosofia, tanto no *Ensaio* como na *Antropologia*, apresenta uma oportunidade terapêutica em relação às doenças mentais. Se no *Ensaio* o contato do enfermo com a filosofia acarretava um redirecionamento do curso de seus pensamentos, na *Antropologia* isso vai além: o próprio exercício filosófico se mostra como caminho para o tratamento das doenças da mente. Na exposição e no debate público de teorias, os indivíduos podem observar se a comunidade também compartilha da mesma experiência, se os seus pensamentos estão de acordo com o *sensu comum*, pois é no abandono deste pelo *sensu lógico privado* que reside o desenvolvimento acentuado das perturbações mentais.

O único sinal universal da loucura é a perda do *sensu comum* (*sensus communis*) e a substituição dele pelo *sensu lógico privado* (*sensus privatus*), por exemplo, quando em dia claro um indivíduo vê sobre sua mesa uma luz bem forte que um outro ali presente não vê, ou quando ouve uma voz que nenhum outro ouve. Pois é uma pedra de toque subjetivamente necessária da retidão de nossos juízos em geral e, portanto, também da saúde de nosso entendimento, que o confrontemos com o *entendimento de outros*, e não nos isolem com o nosso e julguemos como que *publicamente* com nossa representação privada. (KANT, 2019, p. 108-109, grifos do autor).

A *Antropologia* está em consonância com o projeto crítico kantiano exposto na *Crítica da razão pura*, e o tratamento das doenças mentais é uma consequência de um projeto filosófico que tem como alvo o estabelecimento das condições de possibilidade da atuação da razão, quer dizer, a declaração de seus limites e áreas de atuação. No debate público de ideias apresentado por Kant na *Crítica*¹³⁷, o *sensu lógico privado* é retirado de sua solidão e, por meio do confronto com as razões dos outros homens, aquele que possui pensamentos passíveis de se tornarem patológicos, tem a possibilidade de rearranjar o curso de sua mente ao ter apontado seus equívocos.

Por isso, a proibição dos livros que dependem apenas de pensamentos teóricos (principalmente se não têm influência alguma sobre as ações e omissões legais) é uma ofensa à humanidade. Pois com isso se nos retira, se não o único, ao menos o meio maior e mais útil de corrigir nossos *próprios* pensamentos, o que ocorre quando os expomos publicamente para ver se também se coadunam com o entendimento dos outros, porque, caso contrário, algo simplesmente subjetivo (por exemplo, o hábito e a inclinação) seria facilmente tomado por objetivo, e nisso consiste precisamente a aparência, da qual se diz que engana, ou melhor, pela qual se é induzido a se enganar a si mesmo na aplicação de uma regra. – Aquele que absolutamente não se volta para essa pedra de toque, mas põe na cabeça que reconhece a validade do *sensu privado* sem ou mesmo contra o *sensu comum*, está entregue a um jogo mental no qual não procede nem julga num mundo em comum com outros, mas (como nos sonhos) se vê em seu próprio mundo. (KANT, 2019, p. 109)

¹³⁷ Ver: KANT, 2018, p. 5, A XII.

O próprio desenvolvimento filosófico é ameaçado pelas doenças mentais. Se os homens se reclusam em seus pensamentos e não impõem limites aos mesmos, a razão se torna estagnada, e novos progressos e elucidações que a filosofia poderia alcançar são perdidos.

O devaneio é desautorizado pela razão porque projeta-se além das bases práticas e leva certeza a um campo onde apenas a crença tem o domínio. Um dos obstáculos à filosofia é o devaneio. Uma de suas marcas é a insistência na individualidade, contra o universal. A solidão delirante funciona em harmonia consigo mesma, através de regras ao seu uso exclusivo. Ela ignora, portanto, o seu estado e se fecha num círculo de ideias que só valem para o delirante [...] (MENEZES, 2017, pp. 83-84)

Portanto, o tratamento das doenças mentais vai além de um problema clínico: a filosofia e o próprio progresso humano dependem que essas enfermidades da mente sejam extirpadas ou, no mínimo, freadas por um *senso comum* guiado por uma razão amadurecida.

Conclusão

O problema das doenças mentais se mostra de vital importância para Kant, perpassando por várias de suas obras um esforço para mitigar os efeitos mais nocivos que poderiam ter no convívio social e no desenvolvimento da razão. Podemos observar também, mudanças de posição com o passar dos anos: em um primeiro momento, como visto no *Ensaio*, a medicina toma a rédea no combate às doenças mentais, enquanto que na *Antropologia* a filosofia é o mais importante recurso no tratamento das enfermidades da mente. Em todo caso, um esforço conjunto e contínuo da medicina com a filosofia é a única maneira na qual os distúrbios mentais podem ser contidos.

No *Ensaio*, a filosofia aparece como ferramenta auxiliadora da medicina, tendo um papel de apoio na missão de desbravar as doenças mentais incumbida à terapia clínica. Situação muito diferente se encontra na *Antropologia*: a razão mostra o caminho necessário para uma superação das enfermidades da mente, por dois motivos importantes; a primeira diz respeito ao lugar do filósofo, bastião da razão, capaz de reconhecer quando os raciocínios alheios se arriscam cair em desrazão, o segundo motivo se caracteriza pela própria natureza da filosofia, pois a mesma trata do pleno funcionamento do pensamento, sendo assim, a atividade mais capaz de combater as doenças mentais, e esse combate se torna essencial, já que o próprio exercício filosófico está ameaçado se a mente humana não frear suas tendências ao adoecimento, pois é impossível a filosofia florescer em um ambiente em que a razão se encontra corrompida na sua relação com o entendimento e em seus próprios procedimentos. O respectivo projeto filosófico

kantiano depende de uma constante depuração da razão pela própria razão, e isso perpassa, inevitavelmente, as doenças mentais.

Referências bibliográficas

FIGUEIREDO, Vinicius. Introdução. *In: KANT, Emmanuel. Observações sobre o sentimento do belo e do sublime: Ensaio sobre as doenças mentais.* Tradução: Vinicius de Figueiredo. Campinas: Papirus, 1993

KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime: ensaio sobre as doenças mentais.* Tradução: Vinicius de Figueiredo. Campinas: Papirus, 1993.

KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita.* Tradução: Arthur Morão. Lisboa: Lusofonia, c2008.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura.* Tradução: Manuela Pinto dos Santos, Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático.* Tradução: Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2019

MENEZES, E. Sobre a ideia de filosofia em Kant. *In: SANTOS, L. R.; LOUDEN, R. B.; MARQUES, U. R. A. (orgs.). Kant e o A Priori.* Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

PANARRA, Pedro Miguel. Introdução. *In: KANT, Immanuel. Ensaio Sobre as Doenças da Cabeça de 1764.* Tradução: Pedro Miguel Panarra. *Revista Filosófica de Coimbra, Coimbra, v. 19, n. 37, p. 201-224, 2010.*

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes. *In: ROUSSEAU, Jean Jacques. Textos Seletos.* Tradução: Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção “Os Pensadores”).